

Repercussões da guerra em Gaza



Por STEPHEN M. WALT*

Mesmo que a guerra se limite a Gaza e termine em breve, terá repercussões significativas em todo o mundo

A última guerra em Gaza terá repercussões de longo alcance? Como regra geral, penso que os desenvolvimentos geopolíticos adversos são geralmente equilibrados por forças compensatórias de vários tipos, e os acontecimentos numa pequena parte do mundo tendem a não ter grandes efeitos em cascata noutros locais. Crises e guerras ocorrem, mas cabeças frias normalmente prevalecem e limitam suas consequências.

Mas nem sempre, e a atual guerra em Gaza pode ser uma dessas exceções. Não, não acho que estejamos à beira da Terceira Guerra Mundial; na verdade, eu ficaria surpreso se os combates atuais levassem a um conflito regional maior. Não descarto totalmente essa possibilidade, mas até agora nenhum dos Estados ou grupos à margem (Hezbollah, Irã, Rússia, Turquia etc.) parecem ansiosos para se envolver diretamente, e as autoridades dos EUA estão tentando manter o conflito localizado também. Uma vez que um conflito regional mais alargado seria ainda mais dispendioso e perigoso, todos devemos esperar que estes esforços sejam bem-sucedidos. Mas mesmo que a guerra se limite a Gaza e termine em breve, terá repercussões significativas em todo o mundo.

Para ver quais podem ser essas implicações mais amplas, é importante lembrar o estado geral da geopolítica pouco antes de o Hamas lançar seu ataque surpresa em 7 de outubro. Antes do ataque do Hamas, os Estados Unidos e seus aliados da OTAN travavam uma guerra por procuração contra a Rússia na Ucrânia. Seu objetivo era ajudar a Ucrânia a expulsar a Rússia do território que havia tomado após fevereiro de 2022 e enfraquecer a Rússia a ponto de não poder realizar ações semelhantes no futuro. A guerra, no entanto, não estava indo bem: a contraofensiva de verão da Ucrânia estagnou, o equilíbrio de poder militar parecia estar mudando gradualmente em direção a Moscou e as esperanças de que Kiev pudesse recuperar seu território perdido pela força das armas ou por meio de negociações estavam desaparecendo.

Os Estados Unidos também estavam travando uma guerra econômica de fato contra a China, destinada a impedir que Pequim dominasse as alturas de comando da produção de semicondutores, inteligência artificial, computação quântica e outras áreas de alta tecnologia. Washington via a China como seu principal rival de longo prazo (na linguagem do Pentágono, a “ameaça do ritmo”), e o governo de Joe Biden pretendia concentrar cada vez mais atenção nesse desafio. Funcionários do governo descreveram suas restrições econômicas como fortemente focadas (ou seja, um “pequeno quintal e cerca alta”) e insistiram que estavam ansiosos por outras formas de cooperação com a China. O pequeno pátio continuou crescendo, no entanto, apesar do crescente ceticismo sobre se a cerca alta seria capaz de impedir a China de ganhar terreno em pelo menos algumas áreas significativas da tecnologia.

No Oriente Médio, o governo de Joe Biden tentava dar um tiro diplomático complicado: buscava dissuadir a Arábia Saudita de se aproximar da China, estendendo algum tipo de garantia formal de segurança a Riad e talvez permitindo que ela tivesse acesso a tecnologia nuclear sensível, em troca de os sauditas normalizarem as relações com Israel. Não estava claro se o acordo iria sair, no entanto, e os críticos alertaram que ignorar a questão palestina e fechar os olhos para as

a terra é redonda

ações cada vez mais duras do governo israelense nos territórios palestinos arriscava uma eventual explosão.

Depois, veio o dia 7 de outubro. Mais de 1.200 israelenses foram brutalmente mortos, e agora mais de 10.000 pessoas em Gaza – incluindo 4.000 crianças – [perderam a vida](#) devido aos bombardeios israelenses. Veja o que essa tragédia continua significa para a geopolítica e a política externa dos EUA.

Para começar, a guerra colocou uma chave de macaco no esforço de normalização saudita-israelense liderado pelos EUA (e interromper o desenvolvimento era quase certamente um dos objetivos do Hamas). Pode não o impedir para sempre, é claro, porque os incentivos originais por trás do acordo ainda estarão lá quando os combates terminarem em Gaza. Mesmo assim, os obstáculos ao acordo aumentaram claramente e continuarão a aumentar quanto maior for o número de vítimas.

Em segundo lugar, a guerra interferirá nos esforços dos EUA para gastar menos tempo e atenção no Oriente Médio e deslocar mais atenção e esforço para o leste da Ásia. Em um artigo da *Foreign Affairs* (postado pouco antes do ataque do Hamas), o conselheiro de Segurança Nacional dos EUA, Jake Sullivan, afirmou que a abordagem “disciplinada” do governo ao Oriente Médio “[liberaria] recursos para outras prioridades globais” e “reduziria o risco de novos conflitos no Oriente Médio”. Como o mês passado mostrou, não foi exatamente assim que as coisas aconteceram.

É uma questão de largura de banda: há apenas 24 horas em um dia e sete dias em uma semana, e o presidente Joe Biden, o secretário de Estado, Antony Blinken, e outros altos funcionários dos EUA não podem voar para Israel e outros países do Oriente Médio a cada poucos dias e ainda dedicar tempo e atenção adequados em outros lugares.

A [nomeação](#) do especialista em Ásia Kurt Campbell como vice-secretário de Estado pode aliviar um pouco este problema, mas esta última crise no Médio Oriente ainda significa que menos capacidade diplomática e militar estará disponível para a Ásia a curto e médio prazo. Uma [turbulência interna](#) no Departamento de Estado – onde funcionários de nível médio estão chateados com a resposta unilateral do governo ao conflito – não tornará esse problema mais fácil.

Em suma, a última guerra no Oriente Médio não é uma boa notícia para Taiwan, Japão, Filipinas ou qualquer outro país que esteja enfrentando pressão crescente da China. Os problemas econômicos de Pequim não interromperam suas ações assertivas contra Taiwan ou no Mar do Sul da China, incluindo um incidente recente em que um interceptador chinês [teria](#) voado a menos de 10 metros de um bombardeiro B-52 dos EUA. Com dois porta-aviões agora [implantados](#) no Mediterrâneo oriental e a atenção em Washington concentrada lá, a capacidade de responder eficazmente caso as coisas se deteriorem na Ásia é inevitavelmente prejudicada.

E lembre-se, estou supondo que a guerra em Gaza não se expanda para incluir o Líbano ou o Irã, o que empurraria os Estados Unidos e outros para uma situação nova e mais mortal e amarraria ainda mais tempo, atenção e recursos.

Em terceiro lugar, o conflito em Gaza é um desastre para a Ucrânia. A guerra em Gaza está dominando a cobertura da imprensa e dificultando a angariação de apoio para um novo pacote de ajuda dos EUA. Os republicanos na Câmara dos Representantes já estão [se recusando](#), e uma pesquisa Gallup [realizada](#) de 4 a 16 de outubro descobriu que 41% dos americanos agora acreditam que os EUA estão dando muito apoio à Ucrânia, contra apenas 29% em junho.

O problema, no entanto, é ainda maior do que isso. O conflito na Ucrânia tornou-se uma guerra de desgaste, e isso significa que a artilharia está desempenhando um papel central no campo de batalha. No entanto, os Estados Unidos e seus aliados não conseguiram [produzir material bélico suficiente](#) para atender às necessidades da Ucrânia, o que forçou Washington a invadir [estoques na](#) Coreia do Sul e em Israel para manter Kiev na luta. Agora que Israel está em guerra, vai receber algumas das munições de artilharia ou outro armamento que, de outra forma, teria ido para a Ucrânia. E o que Joe Biden deve fazer se a Ucrânia começar a perder mais terreno, ou se, Deus me livre, seu exército começar a entrar em colapso? Em suma, o que está a acontecer em Gaza não é uma boa notícia para Kiev.

É uma má notícia para a União Europeia também. A invasão da Ucrânia pela Rússia aumentou a unidade europeia, apesar

a terra é redonda

de alguns pequenos atritos, e a derrota do partido autocrático e disruptivo Lei e Justiça nas recentes eleições polonesas também foi um sinal encorajador. Mas a guerra em Gaza reacendeu as divisões europeias, com alguns países apoiando Israel sem reservas e outros mostrando mais simpatia pelos palestinos (embora não pelo Hamas).

Um sério racha também [surgiu](#) entre a presidente da Comissão Europeia, Ursula von der Leyen, e o principal diplomata da União Europeia, Josep Borrell, e cerca de 800 funcionários da União Europeia [teriam](#) assinado uma carta criticando Von der Leyen por ser muito tendenciosa em relação a Israel. Quanto mais a guerra durar, mais amplas serão essas fissuras. Essas divisões também [ressaltam](#) a fraqueza diplomática, se não a irrelevância, da Europa, minando o objetivo mais amplo de unir as democracias do mundo em uma coalizão poderosa e eficaz.

Más notícias para o Ocidente, mas tudo isto é muito bom para a Rússia e a China. De sua perspectiva, qualquer coisa que distraia os Estados Unidos da Ucrânia ou do Leste Asiático é desejável, especialmente quando eles podem simplesmente sentar à margem e observar os danos se acumularem. Como observei [em uma coluna anterior](#), a guerra também dá a Moscou e Pequim outro argumento a favor de uma ordem mundial multipolar que muito defendem contra o sistema liderado pelos EUA. Tudo o que eles precisam fazer é mostrar que os Estados Unidos têm sido a principal grande potência a administrar o Oriente Médio nos últimos 30 anos, e os resultados são uma guerra desastrosa no Iraque, uma capacidade nuclear iraniana latente, o surgimento do Estado Islâmico, um desastre humanitário no Iêmen, anarquia na Líbia, e o fracasso do processo de paz de Oslo.

Eles podem acrescentar que o ataque brutal do Hamas em 7 de outubro mostra que Washington não pode nem mesmo proteger seus amigos mais próximos de eventos terríveis. Pode-se discordar de qualquer uma dessas acusações, mas elas encontrarão um público simpático em muitos lugares. Não por acaso, [campanhas da mídia russa e chinesa](#) já estão usando o conflito para marcar pontos contra a autodenominada “nação indispensável”.

Olhando mais adiante, a guerra e a resposta dos Estados Unidos a ela serão pedras no pESCOÇO dos diplomatas americanos por algum tempo. Já havia um abismo considerável entre as visões dos EUA e do Ocidente sobre a crise da Ucrânia e as atitudes de muitos no Sul global, onde os líderes não apoiavam exatamente a invasão da Rússia, mas estavam irritados com o que viam como dois pesos e duas medidas e atenção seletiva por parte das elites ocidentais. A resposta esmagadora de Israel aos ataques do Hamas está a alargar esse fosso, em parte porque há muito mais simpatia pela situação geral dos palestinos no resto do mundo do que nos Estados Unidos ou na Europa.

Essa simpatia só aumentará quanto mais tempo a guerra durar e mais civis palestinos forem mortos, especialmente quando o governo dos EUA e alguns políticos europeus proeminentes estão se inclinando tão fortemente para um lado. Como um diplomata sênior do G-7 [disse](#) ao *Financial Times* no mês passado: “Definitivamente perdemos a batalha no Sul global. Todo o trabalho que fizemos com o Sul global [sobre a Ucrânia] foi perdido. ... Esqueça as regras, esqueça a ordem mundial. Eles nunca mais vão nos ouvir.” Essa visão pode ser exagerada, mas não está errada.

Além disso, as pessoas fora dos confortáveis limites da comunidade transatlântica estão preocupadas com o que consideram ser uma atenção ocidental seletiva. Uma nova guerra irrompe no Oriente Médio, e a mídia ocidental é totalmente consumida por ela, com jornais de alto nível dedicando inúmeras páginas a histórias e comentários e canais de notícias a cabo gastando horas de tempo de antena sobre esses eventos. Mas na mesma semana em que esta última guerra eclodiu, as Nações Unidas [informaram](#) que cerca de sete milhões de pessoas estão atualmente deslocadas na República Democrática do Congo, principalmente como resultado da violência lá. Essa história mal repercutiu, embora o número de seres humanos envolvidos superasse o número de vítimas em Israel ou Gaza.

Esse efeito também não deve ser exagerado: os Estados do Sul global ainda seguirão seus próprios interesses e ainda farão negócios com os Estados Unidos e outros, apesar de sua raiva e irritação com a hipocrisia ocidental. Mas isso não os tornará mais fáceis de lidar, e devemos esperar que eles prestem pouca atenção a todas as nossas pregações sobre normas e regras e direitos humanos. Não se surpreenda se mais Estados começarem a ver a China como um contrapeso útil a Washington.

a terra é redonda

Finalmente, este episódio infeliz não queimará a reputação dos Estados Unidos em termos de competência em política externa. O fracasso do primeiro-ministro israelense, Benjamin Netanyahu, em proteger Israel pode manchar sua reputação para sempre, mas o *establishment* da política externa dos EUA também não viu essa sangria chegar, e sua resposta até agora não ajudou. Se este último fracasso for acompanhado por um resultado infeliz na Ucrânia, outros Estados questionarão não a credibilidade americana, mas o julgamento americano.

É a última qualidade que mais importa, pois outros Estados são mais propensos a ouvir o conselho de Washington e seguir seu exemplo se acharem que os líderes dos EUA têm uma noção clara do que está acontecendo, sabem como responder e estão prestando pelo menos alguma atenção aos seus valores professados. Se esse não é o caso, por que seguir o conselho americano sobre qualquer coisa?

***Stephen M. Walt** é professor de relações internacionais da Universidade de Harvard.

Tradução: **Eleutério F. S. Prado.**

Publicado originalmente na revista [Foreign Policy](#).

A Terra é Redonda existe graças aos nossos leitores e apoiadores.

Ajude-nos a manter esta ideia.

[**CONTRIBUA**](#)